

Filantr²opando

Oxigenando boas ações

Realização

Curadoria

Instituto Beja®





Oxigenando boas ações

CONECTANDO
COMPROMISSO
E
FUTURO



Um relato coletivo
sobre experiência, afeto
e co-criação de futuros

P O N T O D E P A R T I D A

Criamos o movimento “Filantropando” em 2022, quase que concomitantemente ao Instituto Beja. Mas ele tem vida própria, buscando se apropriar de temas sensíveis ao campo, porém de forma colaborativa e integrativa. Da primeira edição do “Filantropando”, já conseguimos uma aliança pelo fortalecimento do terceiro setor.

Na segunda edição, conseguimos prototipar novas práticas e novos estudos, com um mapeamento comparativo global de práticas filantrópicas e finalmente, da recente terceira edição “Filantropando”, pudemos potencializar a imaginação de futuros diferentes do caos.

Tem coisa melhor do que colaborar para a construção de um mundo melhor? Efetivo? Convido cada um de vocês a refletir conosco como acelerar a prototipagem de soluções possíveis.

Eu sou **Cristiane Sultani**, fundadora do Instituto Beja.



Este trabalho, que reúne um pouco do que foi conversado, apresentado, oferecido neste Filantropando de 2024, não é um relatório ou não é uma compilação de resultados.

Eu diria que esta é uma história que continua sendo contada...

É um convite para a gente revisitar algumas das novidades, alguns dos insights, algumas das percepções e propostas que foram compartilhadas durante o “Filantropando” e continuar a pensar, trocar e se perguntar a respeito delas.

Eu vejo este trabalho como um novo ponto de partida, um processo de contação de uma história que segue, que marca um recorte, um momento importante de um “fio” que continua se desenrolando através das interações, reflexões e encontros que foram gerados ali, e que continuam sendo gerados à medida que estes conteúdos são apreendidos, revisitados e explorados por mais pessoas. É um prazer fazer parte disso e fazer mais esta oferta, que deriva de um ciclo de pensamento e formulação que é o “Filantropando”.

Graciela Selaimen, diretora do Instituto Toriba e curadora da terceira edição do “Filantropando”





INTRODUÇÃO

CRIAR

FUTUROS

Ampliar espaço para diálogos e interações criativas, incentivar-nos a agir no exercício coletivo de abordagens 'novas', pro-mover um ambiente dinâmico, imersivo, onde o movimento constante é não apenas possível, mas encorajado. **Para além de simplesmente ajustar práticas: reimaginar, ampliar perspectivas para uma colaboração eficiente e adaptada** Isso inclui a remodelação de processos tradicionais e o desaprender de caminhos habituais. Esses foram os objetivos centrais desta edição.

Inspirar novas ideias e práticas que estimulem a troca e expansão de perspectivas da filantropia no Brasil

Realizado presencialmente em São Paulo, no dia 5 de novembro de 2024, fruto de uma parceria entre Instituto Beja e Instituto Toriba, reunimos participantes de diferentes países, culturas e trajetórias para compartilhar histórias, refletir sobre práticas filantrópicas e imaginar caminhos para futuros mais justo e, onde o afeto e a escuta ativa abram portas para trocas transformadoras.

Inspirado sob o tema-convite "Imaginar Futuros", o espaço de encontro foi projetado para existir além de um local físico: criar uma experiência táttil e confortável para o acolhimento de 200+ pessoas, potencializadas pela imersão audiovisual criada pela equipe de Batman Zavareze.

A partir, este relato foi criado como um desdobramento daquele dia, para ser revisitado quantas vezes.

Aqui você encontra depoimentos e reflexões dos participantes que dão vida a um imaginário coletivo: textos e vídeos das palestras, contribuições essenciais dos parceiros que tornaram cada detalhe possível, propostas que iluminam caminhos para a ação.

Os diversos registros que compõem este espaço seguem sendo um convite ao movimento.

Este relato foi criado como um desdobramento da experiência, pensado para ser revisitado sempre que necessário. Aqui, você encontra depoimentos e reflexões dos participantes que dão vida a um imaginário coletivo, além de textos e vídeos das palestras, contribuições essenciais dos parceiros que viabilizaram cada detalhe, e propostas que iluminam caminhos para a ação. Também traz uma síntese dos sonhos e aprendizados que compartilhamos.

Os registros reunidos neste espaço permanecem como um convite contínuo ao movimento.

BEM VINDAS!

um caminho cheio de perguntas



Como podemos hoje coletivizar as responsabilidades, aceitando de forma segura o desconforto?



Como olhar coletivamente – para algumas de nossas convicções na filantropia a partir de um lugar oxigenado de imaginação?



Como você joga o jogo do imaginar futuros, deixando o máximo de convicções antigas de fora?



Como criar um estado de presença que te possibilite reflexões profundas?



Compartilhe suas inquietações e sentimentos em perguntas concretas que alimentem o campo e inspirem ações transformadoras.



Como nos alinhar às mudanças emergentes para uma maior abertura e uma circulação mais equitativa de representatividade?



Que tal você se desobrigar de tomadas de decisões na perspectiva individual e promover uma visão coletiva de responsabilidades compartilhadas?



Desafie tudo que você já sabe e ouse criar espaços que mobilizem em você uma escuta curiosa!



Como modelar futuros desejáveis e possíveis a partir da criação coletiva e escolhendo caminhos não usuais?



Exercite sua imaginação sobre futuros desejáveis e questione: o que podemos fazer diferente?



O que as práticas ancestrais e coletivas já carregam de futuros que nos convidam a abraçar mudanças significativas?



Como a filantropia se adequa às transformações e se reinventa? E o que você gostaria de fazer nesse sentido?



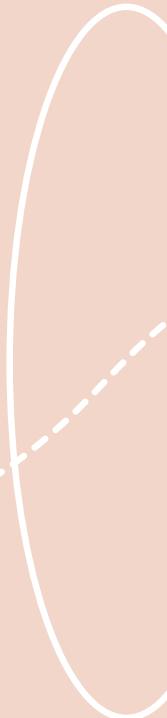
Como abraçar, durante este dia, novas referências que conduzam a novas experimentações coletivas?



Crie hoje um espaço seguro onde debater novas possibilidades para a filantropia seja um ato de coragem e vulnerabilidade.



um
caminho
de
cheio
perguntas





EIXO 1

A filantropia e os futuros possíveis, futuros emergentes, futuros ancestrais

O olhar para o futuro, já presente nas práticas ancestrais, nos convida a abraçar mudanças significativas e a adotar valores que refletem uma compreensão mais ampla e diversa das necessidades da sociedade. Trata-se de evitar a perpetuação de narrativas dominantes e reimaginar uma multiplicidade de perspectivas, realocando a 'história' para se tornar 'nossa história'. Esse movimento coloca em destaque temas frequentemente invisibilizados, que demandam maior atenção e aprofundamento.

Descentralizar a tomada de decisão, saindo da perspectiva individual para promover uma visão compartilhada de responsabilidades, acolhendo o desconforto que acompanha as mudanças coletivas. Isso exige compreender as dinâmicas de poder que moldam as relações sociais e econômicas, além de assumir riscos, romper paradigmas e expandir nossas referências para construir uma representatividade mais equitativa.



**COMO EU NÃO
PENSEI NISSO
ANTES? O QUE
MAIS É PRECISO
APREENDER?**



PAINEL 1



Filantropia e Futuros Ancestrais

Josimara Baré em diálogo com
Geci Karuri-Sebina
e mediação de **Paula Miraglia**



Josimara Baré iniciou sua fala compartilhando a realidade das organizações indígenas: "Nós trabalhamos em redes conectadas, da base ao nível nacional. É um movimento silencioso, mas poderoso", relatou sobre a luta por autonomia dos povos indígenas, destacando como os fundos indígenas representam um mecanismo de autossuficiência, evitando intermediários e garantindo que as comunidades sejam protagonistas de suas próprias narrativas. Mencionou projetos sustentáveis, como o artesanato feito por mulheres indígenas e iniciativas de soberania alimentar, mas também não hesitou em expor os desafios. **"Menos de 3% dos recursos globais destinados à Amazônia chegam de fato aos territórios. Isso não é uma falha apenas financeira: é uma falha de confiança", disse, enfatizando que o fortalecimento das relações de confiança é essencial.**

Geci Karuri, por sua vez, trouxe uma perspectiva filosófica e igualmente pragmática. Falou sobre a hierarquia de saberes imposta pelas epistemologias ocidentais: "Vivemos em um mundo dominado pelo modelo WEIRD: Ocidental, Educado, Industrializado, Rico e Democrático. Esse modelo marginaliza outras a de conhecimento, como as danças, as narrativas orais e os modos de ser que não se encaixam no padrão eurocêntrico". Para Geci, valorizar as sabedorias locais é essencial para imaginar futuros mais inclusivos e sustentáveis.

Ambas abordaram o papel da confiança como eixo central para redesenhar relações entre financiadores e comunidades. Josimara compartilhou a experiência de levar financiadores aos territórios indígenas, permitindo que vissem, sentissem e entendessem as realidades locais.

Ela lembrou de um episódio emblemático em que um doador enfrentou uma tempestade durante uma visita ao Alto Rio Negro: "Foi naquele momento, no meio do rio, com o motor falhando, que ele percebeu a dimensão dos desafios que enfrentamos diariamente". Geci complementou com a ideia de que a confiança deve ser recíproca: "Muitas vezes, a filantropia parte do pressuposto de que só as comunidades precisam provar sua confiabilidade. Mas e as instituições financiadoras? Elas estão dispostas a ganhar a confiança das comunidades?".

"QUANDO FALAMOS DE FUTUROS ANCESTRais, O QUE REALMENTE ESTAMOS DISCUTINDO?"
provocou Paula Miraglia na abertura deste primeiro painel.



Outro ponto de convergência foi a noção de que reparar o passado é fundamental para construir futuros justos. Josimara foi direta em suas palavras ao falar sobre a violência histórica contra os povos indígenas. “Fomos roubados.

Roubaram nossas terras, nossas línguas, nossa cultura. Mas nós continuamos aqui, lutando pela sobrevivência e pela preservação da nossa identidade,” afirmou. Geci ampliou essa reflexão ao conectar passados roubados a futuros comprometidos.

“Quando colonizamos o passado, colonizamos também o futuro. Criamos sistemas que negam às novas gerações o direito de imaginar e viver plenamente seus próprios caminhos”.

O painel encerrou com uma poderosa discussão sobre imaginação. Geci falou sobre a necessidade de superar narrativas distópicas e cultivar o que ela chamou de “futuros esperançosos”. Ela compartilhou histórias de jovens inovadores que estão criando soluções tecnológicas alinhadas a valores comunitários e ecológicos. Josimara reforçou a ideia de que a imaginação é um ato político e coletivo. “Quando olhamos para o futuro, precisamos lembrar que a colaboração é ancestral. Sempre fizemos isso. A questão agora é: vocês estão prontos para entrar na água conosco?”, perguntou, conquistando aplausos da plateia.

A conversa deixou uma mensagem clara: imaginar é resistir. Construir futuros ancestrais requer coragem para enfrentar o passado, confiança para construir relações autênticas e disposição para ouvir e valorizar saberes que há muito tempo sustentam a vida. Como concluiu Geci: “Não precisamos inventar novos futuros; precisamos reconhecer e apoiar os futuros que já estão sendo construídos ao nosso redor.”

painel 01 ★ Filantropia e futuros ancestrais

Josimara Baré
Coordenadora do Povo Indígena Raiz ICRA

painel 01 ★ Filantropia e futuros ancestrais

Geci Karuri-Sebina
Professora responsável MDT3, Universidade Federal do Ceará
Coordenadora adjunta UNI do Ceará Colégio do Ceará
e Diretora DCRF África Unida

"Já fazemos economia sustentável há gerações. Só que as palavras mudam."



"Menos de 3% dos recursos globais que se dizem destinados à Amazônia chegam de fato aos territórios."



"Nós somos muitos povos, cada um com sua cultura, sua visão, sua especificidade."

"A confiança é essencial. É o que sustenta as relações e permite que a mudança aconteça."

Josimara Baré



"Hoje, sabemos o que queremos. Não aceitamos mais que nos digam o que fazer."



"Queremos construir futuros colaborativos, mas precisamos de respeito e reconhecimento."



"A luta pela autonomia não é apenas sobre recursos, é sobre sonhos."

"Quem cuida das florestas somos nós. Nunca nos pediram para cuidar. Fazemos isso porque faz parte de quem somos."

"Os sistemas que colonizaram o passado continuam colonizando o futuro."



"Estamos vivendo em um mundo treinado para temer o que não entendemos."

"Temos que confrontar a hierarquia do conhecimento."

Geci Karuri-Sebina



"A imaginação é sobre confrontar o desconhecido."

"A verdadeira escala está na inspiração, não na replicação."

"Precisamos de referências diferentes para imaginar futuros diferentes."



"O maior risco está em não agir."

"A escala já está nos bilhões de pessoas que vivem suas próprias inovações todos os dias."



PAINEL 2

Infraestruturas de Imaginação

Yoanna Okwesa

em diálogo com Ondrej Liska

e mediação de Paula Miraglia



"PRECISAMOS DE UMA INFRAESTRUTURA PARA A IMAGINAÇÃO, TANTO MATERIAL QUANTO SOCIAL."

provocou Yoanna Okwesa durante o painel.

Yoanna Okwesa, refletiu sobre a ideia de que a imaginação precisa de sua própria infraestrutura, tanto material quanto social, assim como nas áreas como saúde e educação. Em seu trabalho com o Emerging Futures Fund, ela busca identificar e apoiar organizações e indivíduos que já estão construindo futuros esperançosos no presente, desafiando estruturas tradicionais e propondo formas alternativas de viver e colaborar.

Yoanna questionou: de quem é a imaginação que molda as nossas realidades? Para ela, é fundamental redistribuir o poder da imaginação, hoje concentrado em poucas mãos e criar espaço para múltiplas visões e formas de saber.

Ondřej complementou ao destacar que imaginar novos futuros requer uma mudança sistêmica que só pode ser alcançada por meio da colaboração. Ele apontou que a filantropia muitas vezes reproduz as próprias desigualdades que tenta combater e ressaltou a necessidade de reinventá-la como uma prática legítima e conectada às realidades sociais. Ondřej introduziu o conceito de protopia – futuros possíveis que estão ao alcance, baseados em sabedoria e ações concretas, como uma alternativa mais prática e acessível à utopia.

Ambos os painelistas abordaram o papel do risco na filantropia. Yoanna desafiou a noção de risco como um impedimento, sugerindo que a verdadeira questão é: qual o risco de não agir? Ela argumentou que financiar iniciativas experimentais e apoiar organizações de base são formas essenciais de construir futuros mais justos. Ondřej acrescentou que o aprendizado só é possível quando se está disposto a assumir riscos, e destacou a importância de criar espaços seguros para experimentação, onde ideias inovadoras possam ser exploradas sem o medo de falhar.

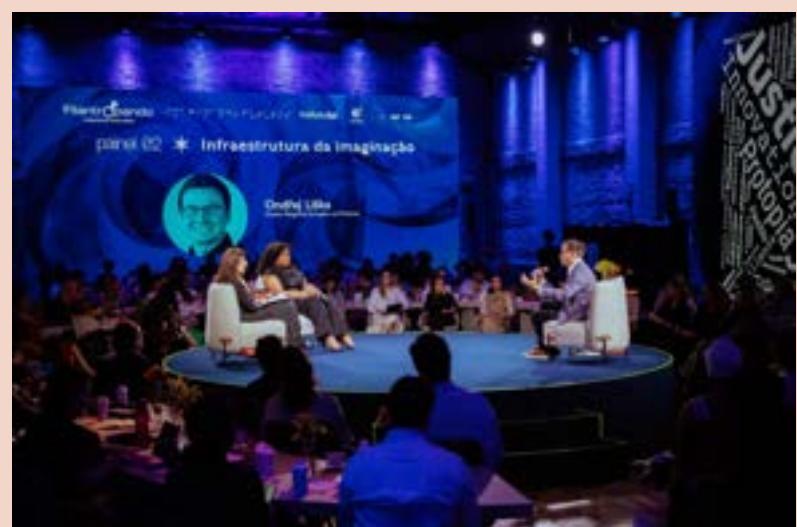
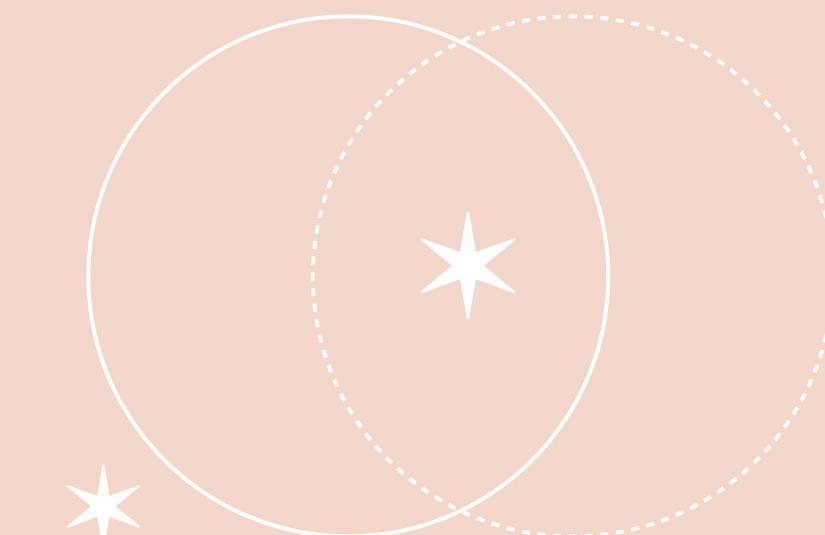
Outro ponto central foi a necessidade de repensar as práticas filantrópicas tradicionais, especialmente em relação à transparência e prestação de contas. Yoanna defendeu uma abordagem que priorize narrativas e histórias humanas ao invés de métricas rígidas. Ela enfatizou que a filantropia deve abandonar o papel de "autorizadora" e se reposicionar como construtora de ecossistemas, aprendendo junto com os parceiros. Ondřej destacou que isso exige uma relação de confiança mútua, onde os financiadores estejam dispostos a ouvir honestamente os desafios enfrentados pelos parceiros, sem impor barreiras burocráticas.

Ambos concordaram que a filantropia deve se comprometer com o longo prazo, especialmente ao lidar com problemas sistêmicos como justiça racial, mudanças climáticas e desigualdades econômicas. Yoanna criticou o financiamento de curto prazo e defendeu abordagens consistentes e multianuais, capazes de gerar impactos profundos e sustentáveis. Ondřej reforçou que a filantropia deve combinar ferramentas estratégicas – desde financiamentos irrestritos até suportes táticos – para atender às diversas necessidades de transformação. Ondřej reforçou que a prestação de contas deve ir além de métricas financeiras, criando espaços para relações recíprocas e aprendizado mútuo.

Na discussão sobre inovação e consistência, Yoanna destacou que a filantropia deve se abrir para práticas que integrem novas formas de gestão de recursos, como fundos híbridos e iniciativas colaborativas. Ondřej trouxe exemplos concretos de modelos inovadores, como fundações que se tornam proprietárias de empresas alinhadas a valores sociais e assembleias cidadãs que redistribuem riqueza de forma participativa.

O painel concluiu com uma reflexão sobre o futuro da filantropia. Ambos os painelistas afirmaram que, para transformar as estruturas que geram os problemas que a filantropia busca resolver, é necessário repensar não apenas como o dinheiro é usado, mas também quem toma as decisões. Yoanna chamou atenção para a falta de diversidade na liderança filantrópica e destacou que a verdadeira inovação começa com a inclusão de perspectivas diversas e vivências autênticas.

Encerrando a sessão, Paula sintetizou o aprendizado com um convite à ação: a filantropia deve equilibrar conceitos ambiciosos com práticas concretas, guiada por coragem, transparência e o compromisso com futuros mais inclusivos e regenerativos. O painel deixou claro que imaginar é um ato político e a filantropia pode – e deve – ser uma catalisadora dessa transformação.





"As comunidades são as especialistas de suas próprias vidas."



"Narrativas são tão importantes quanto dados."

Yoanna Okwesa



"De quem é a imaginação que molda nossas vidas?"



"Precisamos de uma infraestrutura para a imaginação, tanto material quanto social."



"Mover-se na velocidade da confiança."

"É preciso coragem para reimaginar radicalmente como estamos administrando riqueza."



"As mudanças mais significativas muitas vezes não podem ser descritas por uma linguagem analítica."



"A filantropia precisa criar confiança na sociedade, mas também merece ser confiável."



Ondrej Liska



"Precisamos de uma filantropia mais ousada, mais criativa e provavelmente mais arriscada."



"Criar ilhas de desvios positivos pode acender mudanças profundas."



"Estamos presos em uma visão distópica que bloqueia nossa imaginação."

"Não há aprendizado sem assumir riscos."



EIXO 2



Tecnologia para transformar

As Big Techs vêm ditando as regras sobre como estruturamos e articulamos pensamentos e conexões em redes, muitas vezes sob uma perspectiva desumanizadora. A corrida e a disparidade entre diferentes abordagens para regulamentar uma base ética das tecnologias digitais ao redor do mundo expõem disputas de influência, lacunas de representatividade cultural e social, além de perpetuarem desigualdades no acesso e na educação digital.

A interação da filantropia com ferramentas tecnológicas enfrenta, de forma contundente, os desafios dessa desigualdade. O que um dia chamamos de "futurismo" agora nos obriga a questionar e desconstruir ideias de um futuro vazio de pessoas e de seus contextos diversos e dinâmicos.

As tecnologias digitais não são neutras. Elas moldam a maneira como nos percebemos, como percebemos o mundo e como nos relacionamos com ele. Transformam dinâmicas de poder, subjetividades e experiências humanas, especialmente em contextos de governança, direitos humanos e políticas de gênero.

Se ainda debatemos a falta de uma crítica sólida ao status quo que homogeneiza países e culturas dentro do ponto de vista de organizações do Norte global, a pergunta que surge é: como podemos simplificar e reumanizar a tecnologia e a inovação, com mudanças exponenciais?



**TECNOLOGIA
A SERVIÇO
DE QUEM?**





PAINEL 3



Filantropia no mundo da IA

Sanjay Purohit em diálogo
com **Nishant Shah** e
Nina Santos e mediação
de **Paula Miraglia**



"A Inteligência Artificial, fenômeno quase mítico de nosso tempo, alternava entre os extremos de ser a salvação do mundo e a causa de sua ruína. Mas, afinal, onde a filantropia se encaixa nesse espectro?". Com essas perguntas, Paula Miraglia convidou os três palestrantes – Sanjay Purohit, Nishant Shah e Nina Santos – a explorarem o tema sob diferentes lentes.

"O ESPAÇO DIGITAL PODE SER UMA FERRAMENTA PARA REENCANTAR O MUNDO, MAS PRECISAMOS CONSTRUIR NOVOS IMAGINÁRIOS PARA ISSO."

provocou Nina Santos durante o painel.

Sanjay começou estabelecendo o cenário: vivemos uma era onde múltiplas crises – climática, social, econômica – convergem de maneira exponencial. Ele descreveu como, historicamente, a humanidade aprendeu a mover recursos: primeiro, pessoas; depois, materiais, energia e, mais recentemente, informação. Ele radicaliza e provoca que "talvez a próxima fronteira não seja a movimentação de inteligência ou dados, mas de consciência humana". "A questão é: podemos mover a consciência coletiva? Tornar cada indivíduo mais consciente de si, do outro, do planeta? Esse é o desafio que a tecnologia deve nos ajudar a enfrentar", finaliza Sanjay.

Era um convite ousado, especialmente para um painel que se propunha a discutir uma tecnologia frequentemente acusada de amplificar desigualdades e dividir sociedades. Sanjay enfatizou que, na prática, a IA deveria não apenas responder a perguntas, mas também restaurar a dignidade e a agência das pessoas. Ele trouxe exemplos concretos de sua experiência na Índia, onde agricultores sem alfabetização enfrentavam barreiras para acessar informações básicas. A solução? Um sistema que permitisse que fizessem perguntas por áudio, no idioma local, e recebessem respostas faladas, a APURVA.

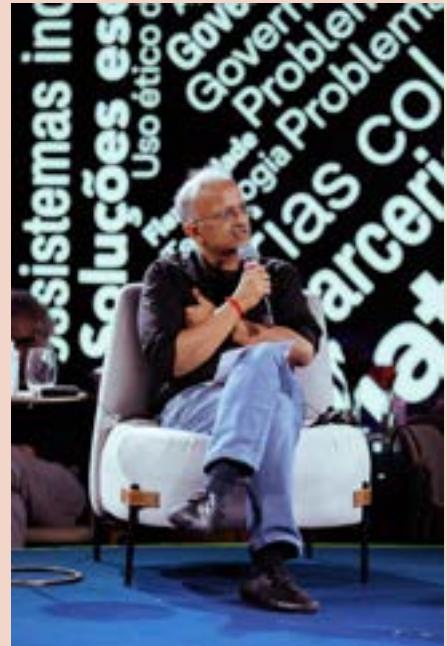


"Por que eles deveriam escrever? Por que deveriam ser forçados a usar ferramentas que não fazem sentido para suas realidades? A tecnologia deve servir às pessoas, não o contrário", reforça Sanjay.

Nina Santos pegou esse fio e o teceu em uma reflexão sobre o papel do digital em nossas vidas. Para ela, a separação entre o "digital" e o "real" é uma falácia perigosa. Tudo o que acontece no digital – desde campanhas políticas até ondas de solidariedade – afeta profundamente a vida cotidiana.

Ela argumentou que o desafio não é abandonar o digital, mas transformá-lo: "Precisamos imaginar um espaço digital que vá além das plataformas que conhecemos. Um espaço que não apenas reproduza desigualdades, mas que seja projetado para justiça, inclusão e um novo imaginário de futuro."

Nishant Shah trouxe uma perspectiva filosófica, quase provocativa: o problema fundamental não seria a tecnologia em si, mas como nos relacionamos com ela. Ele argumentou que a IA não é apenas uma ferramenta, mas uma condição que molda nossas vidas.



Nishant fez o público rir – e pensar – ao propor um exercício mental: desenhar algo que não tenha sido tocado pela tecnologia. A resposta, claro, era impossível, mas notável: desenhos de flores, morros, diversos sóis e corpos humanos em relação, povoaram os desenhos dos participantes.

"As tecnologias são assustadoras porque nos medem o tempo todo, mesmo quando não percebemos. Elas não são apenas visíveis: são invasivas. Precisamos expor essas estruturas de poder e, ao fazer isso, lembrar que a tecnologia não é neutra. Ela amplifica os valores que escolhemos embutir nela", analisou Nishant.

Ele então fez uma defesa apaixonada do conceito de cuidado e, para Nishant, o cuidado deveria ser o ponto de partida na relação entre tecnologia e sociedade, não uma reação ao dano. Ele desafiou a lógica atual, onde as pessoas mais vulneráveis – mulheres, minorias, povos indígenas – são frequentemente as mais prejudicadas pela tecnologia. Nishant trouxe o exemplo de princípios feministas aplicados ao design de novas plataformas digitais, criando espaços seguros para grupos marginalizados.



Ao invés de consertar os danos após o fato, ele propôs uma abordagem preventiva: “Aceitamos que tecnologias quebrem as pessoas e depois tentamos consertá-las. Isso precisa mudar. O cuidado deve ser a primeira linha de defesa.”

“Plataformas não precisam ser universais para serem transformadoras. Precisam ser desenhadas para atender às necessidades locais, respeitando as vozes e os contextos de quem as utiliza”. “A agência está em nossas mãos e, com ela, a possibilidade de reimaginar não só o digital, mas o mundo como um todo”, concluiu Paula.

Nina, então, reforçou a urgência de pensar em regulação. Em um mundo onde as Big Techs concentram poder sem precedentes, ela defendeu o papel dos estados e de uma governança global robusta. Mas reconheceu que essa regulação não pode sufocar a inovação ou perpetuar lógicas de exclusão: “Precisamos de regulação que promova o interesse público, mas também de um novo ecossistema de informação. Isso passa por sustentabilidade para o jornalismo e por mecanismos que combatam não só a desinformação, mas também a polarização que fragmenta nossas sociedades”, afirmou.

Sanjay sugeriu que o futuro não está em escalar soluções prontas, mas em criar sistemas que empoderem comunidades a resolverem seus próprios problemas. Ele compartilhou a história de uma rede de tuk-tuks na Índia que, com protocolos simples, conseguiu competir com gigantes como Uber sem depender de intermediários: “Não precisamos melhorar as plataformas que existem.

Precisamos construir algo novo, onde as comunidades estejam no centro.” Nishant completou a ideia, propondo um exercício de imaginação radical: e se construíssemos tecnologias que não fossem projetadas para escalar, mas para intensificar o impacto em comunidades específicas?

“Plataformas não precisam ser universais para serem transformadoras. Precisam ser desenhadas para atender às necessidades locais, respeitando as vozes e os contextos de quem as utiliza”. “A agência está em nossas mãos e, com ela, a possibilidade de reimaginar não só o digital, mas o mundo como um todo”, concluiu Paula.





"A diversidade é nossa força. O papel de qualquer tecnologia deve ser promover a diversidade, criar mais possibilidades e não limitá-las."



Sanjay Purohit



"A questão é: podemos mover a consciência coletiva? Tornar cada indivíduo mais consciente de si, do outro, do planeta? Esse é o desafio que a tecnologia deve nos ajudar a enfrentar."

"Se o arco se curva na direção errada, ele não apenas perde o destino, mas afeta gerações. Este é o momento em que não podemos perder esse arco."

"O papel do filantropo é promover mais experimentos, mais possibilidades, mais opções. Não se trata de encontrar uma solução única, mas de criar um ecossistema de inovação."



"A tecnologia é uma commodity. O verdadeiro poder está em como a utilizamos para amplificar a dignidade, a agência e a diversidade das pessoas."



"Uma revolução não é para quem sabe dançar. É para quem não tem outra escolha a não ser marchar."



"Para aqueles que acreditam na descolonização dos dados: pedir para descolonizar dados é como pedir para desarmar uma arma. Dados foram projetados para oprimir."



"Precisamos imaginar futuros perigosos, para que possamos evitá-los. Sem essa visão especulativa, continuaremos perseguindo os danos ao invés de preveni-los."



Nishant Shah



"Parar de usar a palavra 'IA' é um alívio. Ninguém sabe realmente o que é a IA, nem mesmo os cientistas que a desenvolvem."



"Não pense na IA como uma ferramenta. Pense nela como o contexto no qual nossas vidas estão sendo vividas."



"Precisamos parar de naturalizar as plataformas digitais. Elas não são naturais, são escolhas de design político."

"Se você acredita que a tecnologia não está afetando seu trabalho, você não está prestando atenção à sua presença invisível."



"O desafio não é apenas combater a desinformação; é promover a ocupação do espaço digital com informação de qualidade."

"A polarização informativa não é apenas sobre crenças diferentes, é sobre pessoas consumindo realidades completamente distintas."

Nina Santos



"A solução não está na transformação digital, mas na transformação do digital."

"O espaço digital pode ser uma ferramenta para reencantar o mundo, mas precisamos construir novos imaginários para isso."



"O digital não é separado do real. O que acontece no mundo digital é muito real e impacta eleições, taxas de vacinação, movimentos sociais e a democracia."

F A L A D O S P A R T I C I P A N T E S



Quais sentimentos e sensações você leva com você do Filantropando?



O que você não esperava e viveu ou encontrou no Filantropando?



Filantropando foi um evento que teve o cuidado e o despertar para novas ideias no centro. A estrutura, formato e programação encorajou que os participantes fossem atravessados por novos estímulos. Não foi um evento comum da filantropia e ficou evidente a necessidade de priorizar a criatividade e espaço mental para renovarmos as nossas práticas para um campo mais democrático, transparente e equitativo. Particularmente para mim, o que segue ressoando é a necessidade de se antever aos avanços tecnológicos em prol da justiça social em consonância e honrando os saberes ancestrais e comunitários do nosso país. Meu desejo é que mais encontros como esse aconteçam para que todos tenhamos a oportunidade de repensar nossas práticas neste campo, e no fomento à colaboração genuína em uma visão de longo prazo.

LETICIA BORN, CO-IMPACT



"Encontrei liberdade de fala e um espaço seguro!"

"O evento permitiu que os participantes fossem provocados sobre temas críticos em ambiente com estímulo de som, cor e imagem que tornaram o evento sensorial também. Esse convite para que os participantes acessem outros sentidos para além do intelectual, foi importante para materializar o convite sobre imaginar Futuros desejáveis à partir da prática da filantropia. Os palestrantes trouxeram novas referências por serem também de diferentes setores com os quais a filantropia mais estratégica deveria compor sua atuação."

ANÔNIMO



"Uma mediação tão impecável. Suave, rica em conteúdo, conectada com os painelistas!"

"Qualquer ação sempre é estratégica. Entendo que o evento contribuirá para o simples aprimoramento do fazer da filantropia e isto já é o suficiente"

ANÔNIMO





Há muitas coisas mudando no campo social e ambiental. A filantropia precisa estar mais atenta a estas mudanças e adaptar as teorias de mudança das organizações para que acompanhem os novos dilemas que a humanidade está vivendo e viverá num futuro próximo. Será que conseguiremos acompanhar o ritmo das mudanças? Será que conseguiremos lidar com a ambiguidade do olhar inúmeros temas paralelos versus a necessidade de focarmos para conseguirmos atuar com maior profundidade na resolução dos problemas?

As organizações sejam elas empresariais, familiares ou independentes precisam assumir também um papel de Think Thank para as suas naves mães, mostrando para onde a sociedade e o planeta estão caminhando, provocando-as não apenas para a adaptação da agenda de investimento social, como de seus próprios negócios e seu papel no consumo da população. Por isso acredito muito que as organizações devem investir em áreas e processos de planejamento baseados em cenários de futuro. Será que o evento não deveria ter promovido uma dinâmica de criação de cenários utópicos e distópicos de futuros possíveis a partir dos inputs dos palestrantes e das conversas entre o público participante.

Finalmente pude presenciar um evento onde não olhamos apenas para as soluções que surgem no hemisfério norte, mas olhamos para o hemisfério sul, para pessoas e países com realidades sociais e ambientais similares as do Brasil e que são de fundamental importância para pensarmos num ambiente filantrópico mais aderente ao nosso. Porém, senti falta de maior protagonismo de brasileiros nos debates, pois há muita gente da comunidade de futurologistas que têm refletido sobre as mudanças que viveremos nos próximos anos em nosso país e no mundo.

LUIZ FERNANDO GUGGENBERGER
INSTITUTO ULTRAPAR



"Uma conversa tão "humana" e prática sobre inteligência artificial... Obrigada pelo espaço de esperança. Os palestrantes não óbvios, muito fora da caixa foram essenciais para que o dia fosse marcante! (Cris é) o Beja é uma liderança necessária e muito inspiradoras para o futuro do Brasil!"

ANÔNIMO



Saí do Filantropando com referências de outras formas de funcionamento da filantropia, ouvindo especialmente a experiência da Josimara Baré com o Fundo Indígena Ruti. O questionamento dela sobre produção de confiança na filantropia me tocou, porque como grante sempre foquei grande parte do meu trabalho em construir confiança dos doadores no meu trabalho e no da organização que integro. E isso é extremamente desgastante e nos coloca em situação de grande diferença de poder, impedindo as construções de parceria e visão compartilhada.

Saí também com um sentimento de alívio. Futuro distópico e futuro utópico são ficções interessantes, mas que colaboram pouco para lidarmos com os problemas no hoje. Escutar Ondrej sobre protótipo me deu alívio. Situou o futuro no que acredito e num espaço em que posso me relacionar com ele como alguém que constrói estratégias narrativas em clima e em direitos reprodutivos, onde a distopia está bem colocada e a utopia parece uma grande mentira.

Não esperava tamanha diversidade de vozes e visões. Nina Santos com Nishant Shah, Geci... foi uma mistura explosiva :) Outra coisa que me surpreendeu foi estar imersa em arte. Os ambientes que produzimos, principalmente na filantropia, são sempre mais assépticos. Entrar em um salão sem janelas, mas com arte para todos os lados e passar o dia nele foi leve e inspirador. Sem contar uma pontinha de mágica, tipo "nossa! o nome dela mexeu!" ou "cada um tem uma música pra entrar?" Foi lindo demais isso!

GABI JUNS
LAMPARINA



O Filantropando 2024 foi muito inspirador e emocionante. Inspirador porque trouxe uma visão de inovação social e filantropia que foge da mentalidade centralizadora e assistencialista ainda dominante em nosso ecossistema. O encontro fortaleceu uma visão de filantropia descentralizada, criativa e conectada a resolução dos problemas raízes, trazendo pessoas e referências incríveis do sul global. É foi emocionante porque trouxe uma dinâmica de evento mais leve e informal que favoreceu trocas mais fluidas entre os presentes e uma linguagem mais impactante (ex. filme, efeitos visuais), fortalecendo o propósito e a urgência de construirmos caminhos mais efetivos para nosso impacto na sociedade.

THIAGO RACHED, LETRUS



nuvens de palavras

Imaginar futuros possíveis é um exercício de esperança e criatividade e, segundo Yoanna Okwesa e Ondřej Líska, nos desafia a pensar em alternativas viáveis e desejáveis para superar as crises atuais, demandando conexão entre inovação, ancestralidade e visão coletiva para moldar o amanhã.

[Assista o Painel 02 para saber mais.](#)

Futuros possíveis

A **colaboração** é a chave para construir soluções mais ricas e inclusivas. Quando trabalhamos juntos, reunimos forças, talentos e ideias que nos permitem enfrentar desafios e criar possibilidades que seriam impossíveis sozinhos.

[Assista o Painel 02 para saber mais.](#)

Colaboração

As **plataformas sociais** são espaços onde pessoas podem se conectar, colaborar e compartilhar ideias. Essas ferramentas têm o potencial de catalisar mudanças positivas, quando usadas para fortalecer redes de solidariedade e amplificar vozes diversas.

[Assista o Painel 03 para saber mais.](#)

Plataformas sociais

A **economia regenerativa** vai além da sustentabilidade, buscando regenerar ecossistemas e comunidades. Esse modelo econômico promove práticas que respeitam os ciclos naturais, incentivam a equidade e priorizam o bem-estar coletivo. De acordo com Josimara Baré, essa abordagem podem garantir o futuro do planeta.

[Assista o Painel 01 para saber mais.](#)

Economia regenerativa

A **criação de futuros** é um exercício coletivo que une imaginação, planejamento e ação para moldar realidades desejáveis. Trata-se de projetar possibilidades transformadoras, conectando inovação, saberes ancestrais e a visão de um mundo mais justo e inclusivo.

[Assista o Painel 02 para saber mais.](#)

Criação de futuros

A **subjetividade** nos lembra que cada indivíduo tem uma perspectiva única, moldada por suas experiências e emoções. Para Nishant Shah, reconhecer e valorizar essa diversidade é essencial para criar espaços de diálogo, empatia e respeito mútuo.

[Assista o Painel 03 para saber mais.](#)

Subjetividade

A **governança digital** é o processo de estruturar e regular o uso de tecnologias digitais, garantindo que sejam éticas, inclusivas e sustentáveis. Busca promover estruturas de equidade e proteção em um mundo cada vez mais conectado.

[Assista o Painel 03 para saber mais.](#)

Governança digital

O **impacto social** é a transformação positiva gerada por ações ou projetos que melhoram a vida das pessoas e das comunidades. Ele está no centro de iniciativas que buscam criar mudanças profundas e duradouras na sociedade.

[Assista o Painel 03 para saber mais.](#)

Impacto social

A **decolonização** nos desafia a desconstruir estruturas coloniais que ainda moldam nossas práticas sociais, econômicas e culturais. De acordo com Geci Keruri-Sebina, trata-se de reconhecer histórias silenciadas, valorizar saberes ancestrais e reimaginar sistemas que promovam equidade, autonomia e justiça para todos os povos.

[Assista o Painel 01 para saber mais.](#)

Decolonização

A **adaptação constante** é uma habilidade essencial em tempos de mudanças rápidas. É a capacidade de se reinventar e responder criativamente aos desafios, mantendo-se resiliente e relevante em cenários incertos.

[Assista o Painel 03 para saber mais.](#)

Adaptação constante

nuvens de palavras

Gestão Territorial é uma abordagem que respeita os saberes tradicionais e prioriza o bem-estar das comunidades que habitam esses territórios. De acordo com Josimara Baré, a melhor forma de gerir e equilibrar o uso dos recursos naturais e financeiros com foco na preservação ambiental e cultural.

[Assista o Painel 01 para saber mais.](#)

Gestão territorial

Co-criação é o ato de construir juntos, onde diferentes perspectivas, conhecimentos e experiências se unem para gerar soluções mais inclusivas e inovadoras. Esse processo colaborativo, segundo Geci Keruri-Sebina, é capaz de romper hierarquias tradicionais e valorizar a participação ativa de todos os envolvidos.

[Assista o Painel 01 para saber mais.](#)

Co-criação

O **Sul Global** representa uma categoria geopolítica que engloba países historicamente marginalizados no sistema internacional, mas ricos em diversidade cultural, recursos naturais e saberes ancestrais. É um espaço e uma união de resistência, inovação e reinvenção, onde práticas disruptivas e coletivas desafiam as desigualdades globais e apontam caminhos para um futuro mais equilibrado e inclusivo.

[Assista o Painel 01 para saber mais.](#)

Sul Global

O conceito de **bem-viver**, citado por Josimara Baré, nos inspira a buscar formas de vida que sejam harmoniosas e sustentáveis, conectadas ao respeito pela natureza, aos direitos humanos e a uma convivência equilibrada entre diferentes culturas. É um convite a repensar o progresso, priorizando a qualidade de vida e o cuidado coletivo em vez da lógica de exploração.

[Assista o Painel 01 para saber mais.](#)

Bem-viver

A **mudança sistêmica** reconhece que os problemas são interconectados e exige abordagens integradas para解决它们. Transformar sistemas inteiros – e não apenas suas partes – é essencial para criar sociedades mais justas, resilientes e equitativas.

[Assista o Painel 02 para saber mais.](#)

Mudança sistêmica

A **justiça digital** aborda as desigualdades no acesso e uso da tecnologia, propondo uma internet mais inclusiva, acessível e segura. Para Nina Santos, é essencial garantir que todos os indivíduos tenham voz e sejam protegidos em um ambiente digital que promova direitos e oportunidades.

[Assista o Painel 03 para saber mais.](#)

Justica digital

A **protopia** nos lembra que o futuro não precisa ser perfeito, mas deve ser continuamente moldado. É o processo de melhoria constante, guiado por conhecimento, inclusão e justiça, onde o foco está no progresso incremental e na construção de um mundo mais justo e equitativo. Em suas falas, Ondřej Liška nos provocou dizendo que a protopia é o sonho na prática, em ação, agora.

[Assista o Painel 02 para saber mais.](#)

Protopia

A **resistência coletiva** é a força que surge quando pessoas se unem para enfrentar injustiças e lutar por direitos. É uma prática de coragem, solidariedade e ação conjunta que nos lembra que mudanças significativas só acontecem com mobilização.

[Assista o Painel 03 para saber mais.](#)

Resistência coletiva

Segundo Ondřej Liška, a **transdisciplinaridade** cria pontes entre diferentes áreas do conhecimento incentivando a troca e integração de saberes. Essa abordagem nos permite resolver problemas complexos, combinando ciências, artes, tecnologias e práticas sociais de forma colaborativa.

[Assista o Painel 02 para saber mais.](#)

Transdisciplinaridade

Ecossistemas inclusivos são aqueles que garantem e permitem a participação de todos, criando condições para que diferentes vozes, culturas e perspectivas coexistam e floresçam. Essa inclusão é vital para promover inovação, justiça e equilíbrio social, segundo Sanjay Purohit.

[Assista o Painel 03 para saber mais.](#)

Ecossistemas inclusivos

F A L A D O S P A R C E I R O S



Wallesandra Souza Rodrigues

receptivo e relatoria de conteúdo

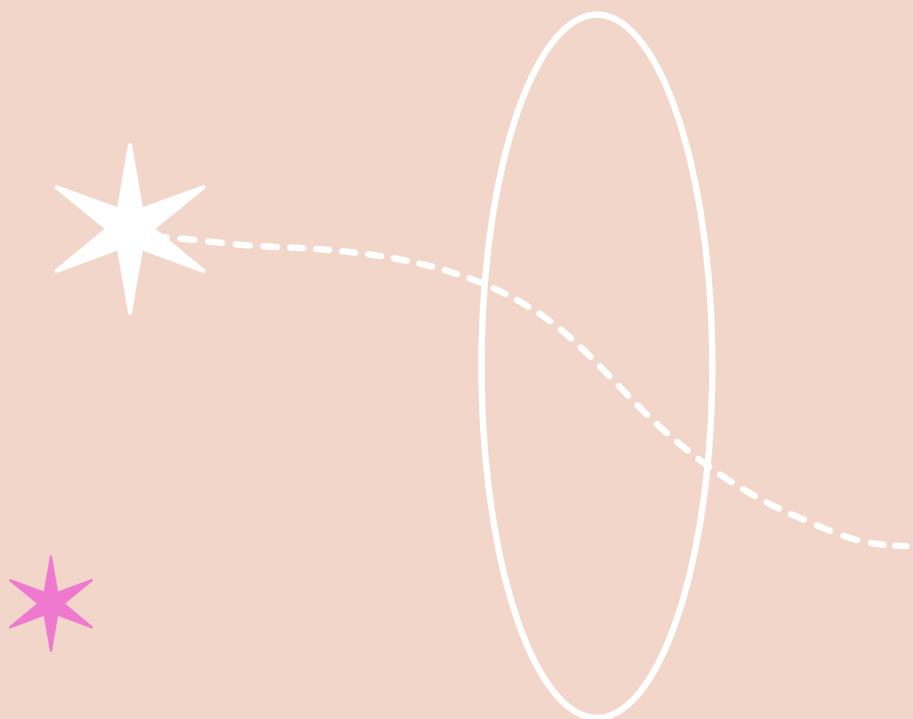
**Quais sentimentos e
sensações você leva
com você que ficaram
da experiência de
realização deste
Filantropando?**

**Não esperava que o diálogo entre
a academia e suas teorias sociais e
filantropia estivesse tão alinhado
como testemunhei. Fui
surpreendida positivamente a
pensar caminhos possíveis para
problemas tão enraizados.**

Me senti reenergizada para seguir
buscando novas formas de me
relacionar profissionalmente. De
modo mais humano, pausado e
atenta às armadilhas da lógica da
produtividade neoliberal que está à
espreita para influenciar nas
relações, em todas as áreas de
atuação laboral.

**O que você não
esperava e viveu
ou encontrou
nesta edição do
Filantropando?**

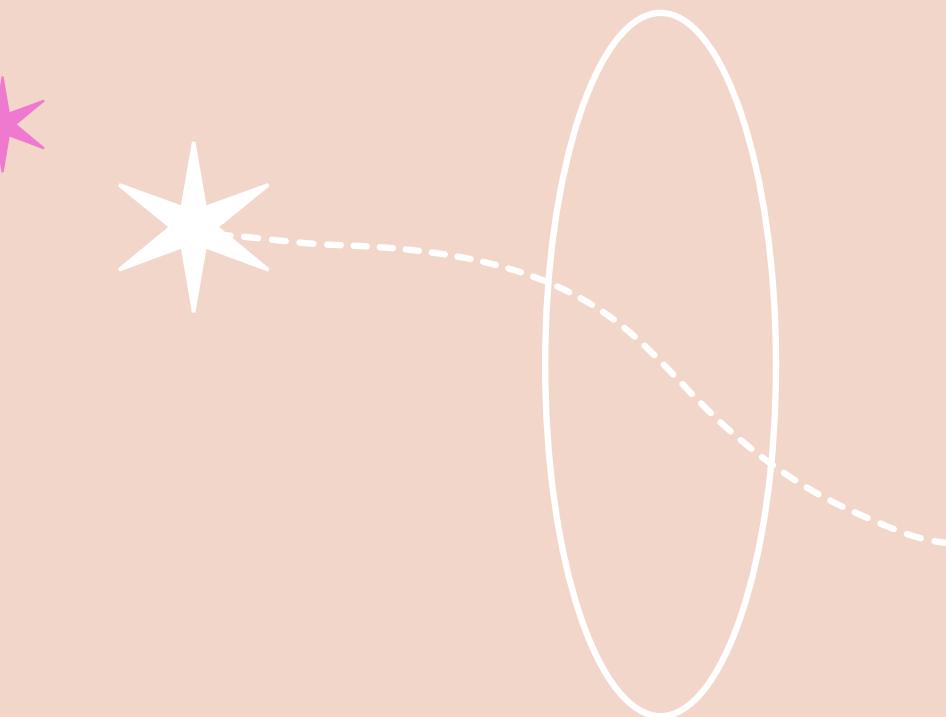
**A RESISTÊNCIA VIRÁ
DA CAPILARIDADE.**



Eu não esperava uma escuta tão atenciosa que presenciei entre os participantes. Senti além da curadoria muito especial, uma mediação da Paula horizontal nos questionamentos e perguntas, senti um carinho no processo inteiro que ajudou muito na minha contribuição artística tanto na direção visual como no roteiro das experiências que estavam apontadas numa imersão de trocas. O local sendo ressignificado para um palco circular, tecnologias ajudando a potencializar a mensagem, as pessoas que receberam todos com muito afeto, a gastronomia na medida para trazer prazer e conforto e os assuntos pertinentes que surpreenderam positivamente quem esteve presente. Achei extraordinário abordar assuntos contemporâneos, sensíveis, urgentes de uma forma direta ao mesmo tempo poética. Eu me emocionei inúmeras vezes e entendi que a importância que o Filantropando pode ajudar a enxergar novos cenários, influenciar direções mais organizadas e quiçá orientar as políticas públicas. Vi, um evento de vanguarda, comprometido e verdadeiro. Uma honra vivenciar e fazer parte na criação na direção de arte dessa edição.

É possível! Saio desse dia imerso num cenário onde foi construído um diálogo amoroso e ousado para um público que tem muitas referências, certezas para imaginar novos cenários.

Saio convicto e esperançoso que é possível mudar, que é possível mudarmos, que é possível escutar, que é possível trabalhar coletivo e oxigenar um sistema viciado em métodos retrogrados. É possível achar as belezas das novas ferramentas para enxergar novos futuros. A cada fala, a cada pensamento mesmo quando expunham reflexões provocativas ampliávamos nossa escuta enxergando novos horizontes. Saio oxigenado com a força coletiva, a força de um movimento coeso, amoroso e poético para enfrentar as desigualdades do mundo.



O FILANTROPANDO
AINDA PULSA
EM MIIM.



**Batman
Zavareze**

diretor artístico do Filantropando



Eu não esperava sair de um evento de trabalho tão inspirada por tudo que pude experienciar através desta Edição do Filantropando, ao mesmo tempo em que estava ciente do meu papel designado pelo evento me senti totalmente à vontade para trocar com diferentes pessoas e ouvir especialistas e participantes que me fizeram refletir sobre o mundo. As frases de alguns especialistas ecoaram por dias na minha cabeça: "temos focados demais nos problemas, está na hora de focar na solução", não esperava me sentir tão inspirada pela edição que foi mais que um trabalho, uma experiência marcante a ser lembrada, ainda guardo alguns cartões que foram distribuídos nas mesas com perguntas disparadoras, levarei esta experiência sempre comigo. A minha preferida é:

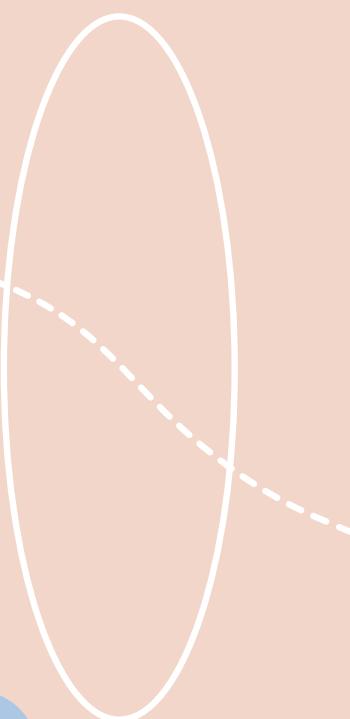
Me sinto inspirada pela experiência de participar da edição Filantropando, em tempos tão nebulosos é difícil imaginar futuros possíveis, sonhar. A experiência no evento ampliou as minhas perspectivas para além das fronteiras, e me sensibilizou por reconhecer em pauta questões que todos atravessamos enquanto humanidade, mas imaginar e realizar outros mundos é possível através da coletividade, é uma sensação que me leva a ter esperança. Tanto em um ambiente micro em proporcionar uma experiência de trabalho humanizada, acolhedora e organizada, quanto no macro diante da abertura em trocar experiências e ampliar o conhecimento. Foi uma experiência muito enriquecedora.



**Juliana
Bartholomeu**

receptivo e relatoria de conteúdo

**"EXERCITE SUA
IMAGINAÇÃO SOBRE
FUTUROS DESEJÁVEIS
E QUESTIONE: O QUE
PODEMOS FAZER
DIFERENTE?"**

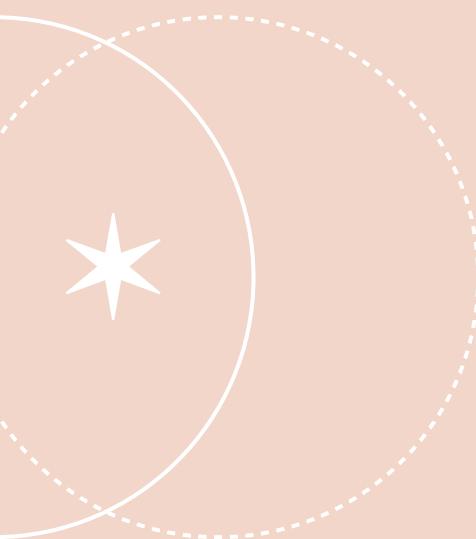


D E S E N H O S E S P O N T Â N E O S

••••• ••••• ••••• •••••

Durante o "Filantropando", convidamos os participantes a transformar seus sentimentos e reflexões em desenhos espontâneos, expressando visualmente as emoções e ideias que emergiram das conversas e momentos de troca. Esses traços, carregam fragmentos do que foi sonhado coletivamente no encontro.

A partir desses desenhos, utilizamos a inteligência artificial como uma aliada criativa para expandir essas expressões. Sonhamos junto com os participantes ao transformar essas imagens iniciais em representações visuais mais detalhadas, que traduzem suas visões e emoções em um conjunto de obras que une o humano e o digital em um diálogo poético, reforçando a ideia de que imaginar futuros é um ato profundamente colaborativo.



R E F L E X Õ E S F I N A I S



Reflexões Finais

Filantrôpando

Desenvolvendo boas ações

